

# RESUMO E ANÁLISE DE OBRAS DA MARI

LITERATURA

---

# Quarto de Despejo

## Carolina Maria de Jesus





**A dor, o sofrimento,  
a fome e as  
angústias dos  
favelados. Seu texto  
é considerado um  
dos marcos da  
escrita feminina no  
Brasil.**

# Esquema da Obra

- Quarto de Despejo- Diário de uma favelada
- CAROLINA MARIA DE JESUS
- ANO DE PUBLICAÇÃO: 1960
- ESCOLA LITERÁRIA: LITERATURA CONTEMPORÂNEA
- GÊNERO: NARRATIVO – DIÁRIO
- TEMA: A FOME
- LOCAL: FAVELA DO CANINDÉ – SÃO PAULO - SP
- NARRAÇÃO – 1ª PESSOA (ONIPRESENTE)
- PERSONAGENS – CAROLINA, SEUS FILHOS JOÃO JOSÉ, JOSÉ CARLOS E VERA EUNICE, INÚMEROS PERSONAGENS DA FAVELA.
- “Motivo para escrever um livro: ‘Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia.’”
- “Motivo para ler um livro: ‘para adquirirmos boas maneiras e formarmos nosso caráter.’”

- **A ideia para o título**



- **“É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.”**

# Biografia



- **Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, conhecida por seu livro Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada publicado em 1960. Carolina de Jesus é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil.**
- **Nasceu em 1914, em Sacramento, interior de Minas, numa família de negros analfabetos. Chegou a ser presa, acusada de roubar 100 mil-réis de um padre. A autora teve apenas dois anos de estudo, realizados na primeira escola espírita do Brasil, o Colégio Allan Kardec, fundado por Eurípedes Barsanulfo em sua cidade natal.**
- **Viveu do caos ao caos**

- No raiar de 1947, aportou na Estação da Luz, em São Paulo, onde iniciaria uma caminhada de percalços até se tornar escritora best-seller.
- Logo que se instalou na capital paulista conseguiu emprego na casa do médico Euryclides de Jesus Zerbini, precursor da cirurgia do coração no Brasil, que a deixava usufruir de sua biblioteca nos dias de folga. Com apenas dois anos de estudo, adorava ler.
- Metida e indisciplinada, como a definem os que conviveram com ela, pulou de emprego em emprego até engravidar de João José, em 1948. Teria mais dois filhos: em 1949, nasceu José Carlos, e, em 1953, Vera Eunice.
- Faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em São Paulo.

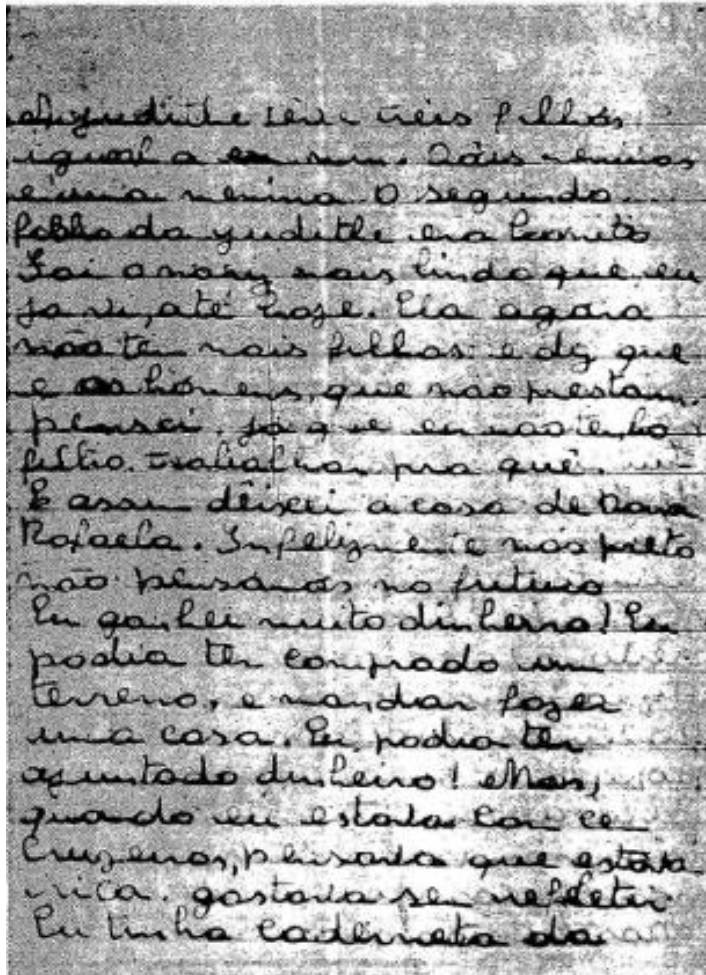


- **Carolina Maria de Jesus em 1948, grávida e sem trabalho, foi viver na nascente favela do Canindé, nos arredores do recém-construído estádio da Portuguesa. Levantou um barraco de um cômodo e sobrevivia catando e vendendo papel.**



# Carolina e a Literatura

- **Morando em uma favela, durante a noite trabalha como catadora de papel. Lê tudo que recolhe e guarda as revistas que encontra. Estava sempre escrevendo o seu dia a dia.**
- **Em 1941, sonhando em ser escritora, vai até a redação do jornal Folha da Manhã com um poema que escreveu em louvor a Getúlio Vargas. No dia 24 de fevereiro, o seu poema e a sua foto são publicados no jornal.**
- **Carolina continuou levando regularmente os seus poemas para a redação do jornal. Por esse motivo acabou sendo apelidada de “A Poetisa Negra” e era cada vez mais admirada pelos leitores.**
- **Em 1958, o repórter do jornal Folha da Noite, Audálio Dantas, foi designado para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e, por acaso, uma das casas visitadas foi a de Carolina Maria de Jesus.**
- **Carolina lhe mostrou o seu diário, surpreendendo o repórter. Audálio ficou maravilhado com a história daquela mulher.**



- Em 1960, Carolina Maria de Jesus, catadora de papel e moradora da favela do Canindé no centro de São Paulo, surpreendeu a literatura brasileira com o livro “Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada”. A autora e o livro, escrito em cadernos que achou no lixo e guardados em um saco de pano, foram descobertos por acaso. Pautado para cobrir a inauguração de um parque infantil na favela, o jornalista Audálio Dantas ouviu a reclamação de uma mulher depois de alguns homens expulsarem as crianças dos brinquedos, e que iria colocá-los em seu livro.



## *Os mais vendidos*

### LIVROS

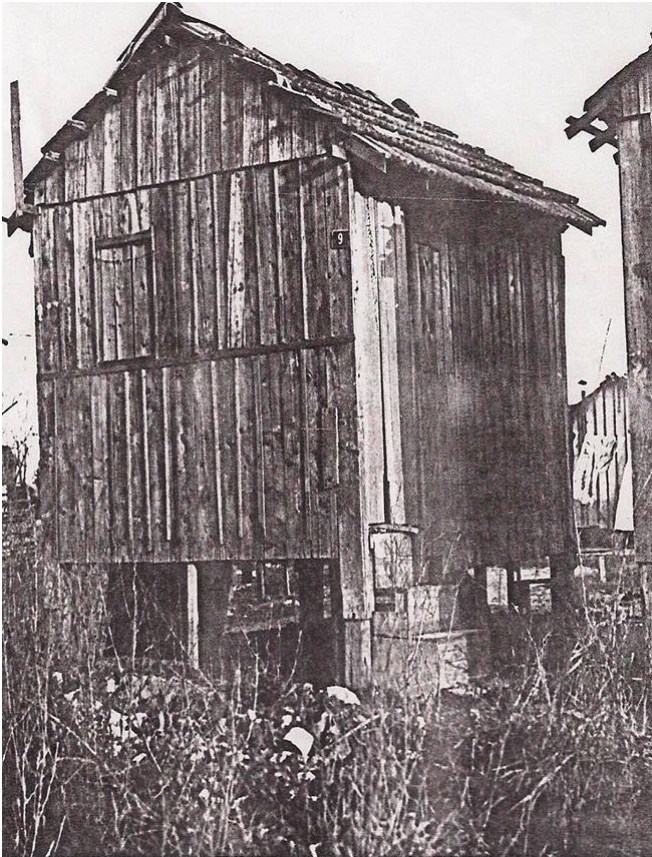
- 1 — *Quarto de despejo* — Carolina Maria de Jesus (1)\*
- 2 — *Furacão sobre Cuba* — Jean Paul Sartre
- 3 — *O Atome* — Fritz Kahn (2)
- 4 — *Crepusculo de um romance* — Graham Greene
- 5 — *O retrato* — Osvaldo Peralva

## *Os mais vendidos*

### LIVROS NACIONAIS

- 1 — *Quarto de Despejo* — Carolina Maria de Jesus (1)\*
- 2 — *Gabriela Cravo e Canela* — Jorge Amado (2)
- 3 — *Terra de Caruaru* — José Condé
- 4 — *Café na Cama* — Marcos Rey (4)
- 5 — *O Retrato* — Osvaldo Peralva (3)

- No Brasil, “Quarto de Despejo” obteve tanto sucesso que entrou para a lista do mais vendidos batendo os de Jean Paul-Sartre e 'Gabriela', de Jorge Amado. No dia do lançamento em 30 de agosto de 1960, a escritora autografou mais de 600 livros, um recorde. Entre os que compareceram ao evento, estava o Ministro do Trabalho João Batista Ramos, que na ocasião prometeu uma casa para a escritora.



*Casa de Carolina Maria de Jesus, no  
Canindé  
foto: Arquivo Jornal Última Hora  
(27.05.1952)*

- Apesar da promessa de receber uma casa do ministro, foi com os dinheiro recebido do livro que Carolina conseguiu sair da favela. Ela comprou uma casa no bairro de Santana. Mas logo depois a vendeu para comprar um sítio em Parelheiros, zona Sul da São Paulo. Depois do “Quarto de Despejo”, Carolina escreveu “Casa de Alvenaria”, em 1961. O segundo livro não obteve sucesso e ficou encalhado nas prateleiras.
- Carolina Maria de Jesus morreu, aos 64 anos, em 1977 vítima de bronquite asmática em seu sítio.

- O livro da 'escritora da favela' como ficou conhecida, chamou atenção dos leitores por causa do contundente retrato da realidade da favela feito por Carolina. E também colocou no centro da discussão política e social o problema da moradia.
- "Quarto do despejo" ganhou o mundo. Foi destaque na imprensa internacional, com direito a reportagem na revista Times, virou peça de teatro e foi traduzido para dezenas de línguas. Em Portugal, o livro foi censurado pela ditadura salazarista.





**Apesar de os cadernos conterem contos, poesias e romances, Audálio se deteve apenas em um diário, iniciado em 1955. Parte do material foi publicado em 1958, primeiramente, em uma edição do grupo Folha de S.Paulo e, no ano seguinte, na revista O Cruzeiro, inclusive com versão em espanhol. “Houve grande repercussão. A ideia do livro coincidiu com o interesse da editora Francisco Alves”, relatou. O material, editado por Audálio, não precisou de correção. “Selecionei os trechos mais significativos. O texto foi mantido na sintaxe dela, na ortografia dela, tudo original”, apontou.**

- 
- Entre descrições comuns do cotidiano, como acordar, buscar água, fazer o café, Audálio encontrou narrativas fortes que desvendavam a vida de uma mulher negra da periferia. “Ela conta que tinha um lixão perto da favela, onde ela ia catar coisas. Lá, ela soube que um menino, chamado Dinho, tinha encontrado um pedaço de carne estragada, comeu e morreu. Ela conta essa história sem comentário, praticamente. Isso tem uma força extraordinária”, exemplificou.



- A escritora em dezembro de 1961 antes de embarcar para o Uruguai para lançar o livro.
- O livro fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para quatorze línguas e vendas em mais de 40 países.



# Resenha



- O livro é constituído de dois diários – 1955 e 1958 – e apresenta um painel da vida dos excluídos durante os anos do governo JK. Buscava ler jornais e livros e escutar rádio para não estar alienada aos acontecimentos.
- Há inúmeros personagens, num coletivo que fala da vida rude da realidade da favela, das dificuldades que o pobre enfrenta para acessar os bens da cidadania.
- O enredo fala do dia a dia da miséria, a luta por encontrar comida, cuidar dos filhos (João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima – esta, por sua vez, tem um pai que de vez em quando dá uma pensão para a menina e pede que Carolina não cite seu nome nos escritos) e cuidar-se dos vizinhos.

- **Carolina faz um retrato da favela do Canindé, em São Paulo, com a voz narrativa do miserável, que precisa catar lixo para sobreviver e muitas vezes alimentar-se do próprio lixo.**
- **Carolina resiste à miséria, escrevendo.**
- **Mesmo com apenas dois anos de grupo escolar, Carolina tem a arma de sabe ler e escrever e saber falar. Dá exemplos de que conhece a poesia de Casimiro de Abreu, de Castro Alves. Cita o cavalo de Troia, as touradas de Madri. Tem cultura bíblica.**
- **Envia os originais de seus relatos para os EUA (para o The Reader Digest\* – que devolve o material) e por isso é consciente de que poucos se dariam conta da realidade vivida por ela e os demais. Vive ilhada num barraco que verte água, enfrentando os ratos que roem seus livros.**

# ● LINGUAGEM

- É uma das marcas do texto de Carolina. Usa algumas vezes, palavras sofisticadas e um esforço enorme de concordância, uso de pronomes e algumas incorreções ortográficas.
- Leia um dos trechos:
- *“15 de julho de 1955 Aniversario de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização de nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.*
- *Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.*
- *Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O onibus atirou um garoto na calçada e a turba (\*grande número de pessoas) aflui-se (\*apareceram em grande número). Ele estava no nucleo. Dei-lhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.*
- *Ablui (\*lavar) as crianças, aleitei-as (\*alimentar com leite) e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhoral e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: - Vai buscar água mamãe!”\*\**
- \*notas da professora // \*\*os erros de ortografia e concordâncias são frequentes no livro



Carolina se preocupa com a influência da favela sobre a educação.

Meninos e meninas assistem a cenas de sexo e brigas, e reproduzem os mesmos comportamentos.

Por isso ela questiona o uso de álcool e palavrões.

Registra questões de saúde e política.

---

● ***“Eu quando estou com fome quero matar o Jânio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino.”***

- Adhemar Pereira de Barros era o Prefeito e Jânio Quadros, o Governador de São Paulo e Juscelino Kubitschek de Oliveira que foi um médico, oficial da Polícia Militar mineira e político brasileiro que ocupou a Presidência da República entre 1956 e 1961.



Reconhece que a injustiça ocorre pelo fato de a maioria dos favelados não ser representada, pois os políticos ou padres estão alheios à rotina dura que vai desgastando o pobre.

Carolina chega a escrever um discurso para um candidato a deputado que diz reconhecer o poder que as favelas têm de transformar as pessoas. Quem cai naqueles barracos é como se fosse atirado no tal quarto de despejo de onde não sai senão morto. Deitada em sua cama, quando não pode comer, Carolina sente que lhe resta apenas dormir.

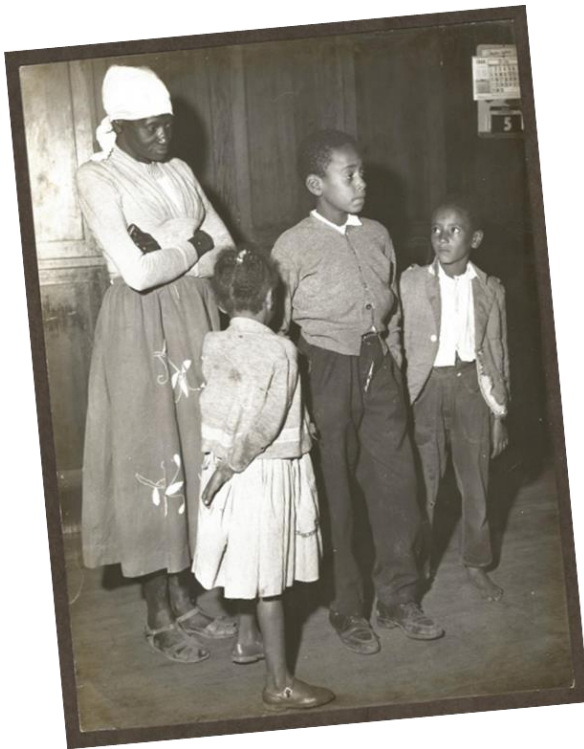
- “O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo.”

- Frequentemente Carolina é chamada de preta suja, mas Carolina não aceita as afrontas. Culpa o homem branco.
- Reflete sobre a abolição da escravatura em 13 de maio. “Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. E assim, n dia 13 de maio de 1958, eu lutava contra a escravatura atual – a fome!”
- Transforma sua escrita em um libelo pelo direito de cor e gênero. A questão do preconceito é entendida como um obstáculo a mais por que passa, sobretudo quando quer se mostrar artista.



**A fome é a questão mais presente em Quarto de Despejo. O tema é abordado à exaustão. “E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer?” As condições sub-humanas revelam-se em episódios diários da odisseia de conseguir comida. Mal alimentada sabia que ficaria doente e sem comida, seus filhos não sobreviveriam. São buscas nas latas de lixo, nas filas do frigorífico, na fábrica de bolachas, nas ruas catando papel, ferro, para conseguir míseros cruzeiros e assim alimentá-los como dava.**





O livro é uma afirmação da força materna. Carolina nunca casou. Envolveu-se com os pais de seus filhos a quem culpa por sua condição de favelada. Só o pai de Vera Eunice que contribui muito pouco com a vida da menina. Envolve-se com o senhor Manoel que quer viver com ela, mas reconhece que é uma mulher difícil de ser compreendida por causa de sua cultura. Vive um caso de amor com os filhos e com a Literatura. Sente-se diferente das outras mulheres. Envolve-se com um cigano chamado Raimundo, mas se dá conta do risco de se apaixonar por um andarilho feito ele. Fica sozinha.

Relembra as desgraças de 1959 e termina seu livro com o primeiro escrito do ano novo, 1 de janeiro de 1960: “Levantei as 5 horas e fui carregar água.”

## Algumas das considerações de Carolina

- ***“As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amaveis. Dias depois usam o calão, são soezes (\*o mesmo que: baixos, grosseiros, indignos, ordinários, reles, torpes, vis, vulgares \*nota da professora) e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo.”***
- ***“Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”***
- ***“Na minha opinião, os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome!”***
- ***“O livro é a melhor invenção do homem.”***



"A tontura da fome é  
pior do que a do  
álcool. A tontura do  
álcool nos impele a  
cantar. Mas a da  
fome nos faz tremer.  
Percebi que é  
horrível ter só ar  
dentro do  
estômago."



- A obra foi inicialmente considerada como "literatura documentária de contestação" pelo jornalismo de denúncia, que oferece meios de reportar a situação social vivida pelas camadas tradicionalmente sem meios de expressão.
- Hoje a obra se insere no contexto das narrativas femininas que tiveram início na década de 1970, dentro da "literatura das vozes subalternas".

- Audálio lembra que Carolina se considerava uma artista e tinha pretensões de enveredar por diferentes ramos artísticos. Um deles foi a música. Em 1961, ela lançou um disco com o mesmo título de seu primeiro livro. A escritora interpreta 12 canções de sua autoria, entre elas, O Pobre e o Rico. “Rico faz guerra, pobre não sabe por que. Pobre vai na guerra, tem que morrer. Pobre só pensa no arroz e no feijão. Pobre não envolve nos negócios da nação”, diz um trecho da canção.

# QUARTO DE DESPEJO

## CAROLINA MARIA DE JESUS

### Cantando suas Composições

Difícil imaginar a música na favela do Canindé. Quando a gente fala em favela de morro carioca — a miséria mais "arejada" — logo imagina dengosas mulatas em requiebras, em terreiro de barraco enfeitado de cuicas e tamborins; e no samba que nasce, bonito de autêntico, e depois desce o morro e ganha o asfalto. Mas, que melódica poderia produzir esta infeliz (mais do que as outras) favela do Canindé, atolada na lama de beira-Tietê; este "Quarto de Despejo" abafado pela opulência da cidade grande de São Paulo?

Acontece que houve um milagre no Canindé — um milagre chamado Carolina Maria de Jesus. No princípio era angústia pura, depois a angústia foi registrada em fôlhas sujas apanhadas no lixo e nasceu um livro paradoxalmente belo, na revelação de uma realidade desgraçada. E quando nasceu o livro nasceu também — incrível! — música naquele "Quarto de Despejo". Carolina não sentia, então, os pés atolados na lama, seu espírito elevava-se e pairava sobre os tetos escuros, e via pedaços de céu azul, nuvens cor-de-rosa tocadas em bando por brisa boa. E sobrevinha o milagre da música.

Antes da publicação do livro — lembro-me bem — Carolina me falou de "uns sambas" que escrevera em seus cadernos, mas confesso que não dei importância. Um dia, lá no barraco número 9 da Rua A, ouvi o José Carlos, o Vera Eunice e o João José cantarolando "as músicas que a mamãe inventou". Gostei, mas nada disse, de medo que Carolina ameaçasse, fela sempre desejou muitas coisas) cantar no rádio.

O tempo correu, não se falou mais no assunto, até que um "expert" ouviu as músicas de Carolina. O resultado aqui está, "Ela" mesma cantando, esta negra milagrosa!

De início assufei-me um pouco com a idéia de Carolina cantar. Mas a música nascida no "Quarto de Despejo" é boa e autêntica, com gosto de povo. E a voz de Carolina, magnificamente *essorada* por esses fabulocos "Titulares do Ritmo", não é voz de nenhum rouxinol, mas é voz de povo, documento importante. Ouvi emocionado a gravação das músicas contidas neste Long-Play da RCA Victor. A música de "Quarto de despejo" é fomento às vazes, alegria outras. Quem não se comoverá ao ouvir os versos singelos e profundos de "O Pobre e o Rico", de *inventiva* caroliniana — o que vale dizer, do povo. E quem deixará de admirar a filosofia simples de "Maria Veio", "Vadete da Favela", ou as *estórias* do "Pinguço", do "Malandrô", das "Gratfinas"? É uma gravação importante, esta, como o livro-documento. A supervisão musical a cargo do maestro Francisco Moraes, muito valorizou estas melodias de "Quarto de Despejo". Julio Negib emprestou o seu talento com a direção artística da gravação e George Torok completou o sucesso de todo este trabalho com a bela foto em cores que ilustra a capa: Carolina e a favela que se tornou conhecida no mundo inteiro.

Audália Dantas

## LADO 1

1. RÁ-RE' RI RO' RUA
2. VEDETE DA FAVELA
3. PINGUÇO
4. ACENDE O FOGO
5. O POBRE E O RICO
6. SIMPLICIO

## LADO 2

1. O MALANDRÔ
2. MOAMBA
3. AS GRANFINAS
4. MACUMBA
5. QUEM ASSIM ME VER CANTANDO
6. A MARIA VEIO





"Não digam que fui  
rebotalho,  
que vivi à margem da vida.  
Digam que eu procurava  
trabalho,  
mas fui sempre preterida.  
Digam ao povo brasileiro  
que meu sonho era ser  
escritora,  
mas eu não tinha dinheiro  
para pagar uma editora."

Carolina Maria de Jesus



# OBRIGADA

Prof.<sup>a</sup> Mari  
Literatura